

Diálogos difíceis: uma brecha para transformaçãoⁱ

**por Ana Lúcia Panachão, Yone Maria Rafaeli,
Marli Ciriaco Vianna e Paula Francisquettiⁱⁱ**

"Aqui a sua voz conta, aqui ela pode empreender o voo como o mochuelo nos Montes de Maria"ⁱⁱⁱ

Muitas vezes algo com que nos deparamos longe de casa nos aproxima de nossas próprias mazelas. Uma visita ao Centro de memória^{iv}, paz e reconciliação e ao Museu Fragmentos^v - espaço de arte e memória, na cidade de Bogotá, Colômbia - nos deixou extremamente tocadas e suscitou algumas reflexões que queremos compartilhar aqui entre nós.

Depois de vencermos algumas dificuldades com taxistas que tentavam nos dissuadir de irmos ao Centro de memória, paz e reconciliação, nos deparamos com um prédio na forma de um grande volume ocre cravado de ampolas levadas por camponeses com amostras de terras de vários pontos do país, terras marcadas pela violência dos conflitos armados, manchadas de sangue e que guardam a memória de ancestrais que a pisaram em busca de inventar mundos.

O Centro, lugar de memória, visibiliza mais de 6 milhões de pessoas mortas nos conflitos armados do país envolvendo a guerrilha, o exército, as milícias e o tráfico de drogas, e que foram iniciados em 1964, deixando um rastro de sofrimento inominável para todos. Ao adentrar o prédio nos deparamos com espaços abertos para conversas difíceis sobre traumas, lutos e lutas; espaços abertos para formação e apoio a redes de solidariedade; espaços para formação e apoio a redes de solidariedade; espaços

abertos a palavras que possam estancar dores provocadas pelos anos de violência que assolam o país; espaços abertos que oferecem um chão no qual o futuro possa ser inventado justamente ali onde ele foi esmagado, apagado, desfeito e destruído.

Especialmente tocante é o espaço aberto para receber crianças envolvidas nos diversos conflitos armados, sala repleta de brinquedos, livros e materiais lúdicos diversos que mostram o cuidado com elas, a disposição em oferecer um campo de processamento das violências que passa pelo brincar, pelas cores e por um acolhimento diferenciado. Delicadeza.

A visita ao vizinho da residência presidencial, o Museu Fragmentos - Espaço de Arte e Memória, foi ainda mais tocante e impactante. Nesse espaço, obra de arte viva, lugar de memória e de criação artística, pisamos num chão feito de placas de metal oriundas da fundição de 67 toneladas de armas entregues pelas FARC's no momento do acordo de paz realizado em setembro de 2016. Essas placas foram esculpidas por diversas mulheres que haviam sido submetidas à violência sexual, durante o conflito armado. É sabido como o estupro é usado como arma de guerra e troféu para submeter povos.

Há um filme disponível no YouTube sobre o acordo de paz e parte do processo desse trabalho com falas das mulheres que participaram do projeto de Doris Salcedo^{vi}. Uma delas comenta enquanto esculpe uma das placas de metal fundido que compõe o chão do espaço: "São episódios, são as marcas que ficam sobre a mente, a pele, o coração".

O projeto da artista Doris Salcedo, criado em 2017, representa o vazio, a ausência deixada pela guerra e tem como proposta o convite à reparação e à tessitura da vida por muitas mãos. Através da ocupação do espaço, o

projeto procura ativar processos de transmutação da dor em arte, da solidão em rede de solidariedade. Nele artistas e não artistas, independentemente do lugar que ocuparam na guerra, são chamados à “copioeses”^{vii}, à invenção de uma nova vida.

Na grande sala do espaço Fragmentos, encontramos uma exposição temporária chamada "Desamadas" em que um coletivo de mulheres estampa a sala com linhas escritas que percorrem as paredes de forma circular e relatam situações de violência sexual vividas no conflito armado. Cada mulher faz seu relato numa determinada cor. E, assim, juntas, essas mulheres saem do silenciamento e denunciam o vivido que revirou suas vidas. Juntas saem da solidão e colorem as paredes numa forma de luta e de arte. O prédio as acolhe. Reverbera suas vozes, o direito à vida digna.

Tocante termos sido convidadas a ficar um tempo num lindo jardim depois de terminada a exposição. Delicadeza de acolhimento depois do contato com histórias difíceis.

Tanto no Centro de memória, paz e reconciliação como no Fragmentos nos deparamos com espaços para encontros, conversas, elaborações, criações artísticas e diálogos difíceis. Algo fundamental para um país marcado e dilacerado pela violência e conflitos. Caminho inspirador para outros países latino-americanos que de modo diverso também sofreram a violência do colonialismo e do neocolonialismo e têm diante de si um trabalho de memória a ser feito.

Não temos notícia do aspecto racial dessas violências, mas sabemos da forte presença indígena e negra na população colombiana, sobretudo na periferia e no campo. Soubemos que até hoje seguem dificuldades para a implementação do acordo de paz. Ainda há diversos grupos em ação, violências, mortes. A pacificação é uma construção

complexa e trabalhosa, assim como fácil de ser atacada e destruída.

Perguntas ressoavam em nós: quem deveria se responsabilizar pelo cuidado das feridas impostas por violências de dimensão histórica? O Estado, a sociedade, cada um de nós? Quando e quanto é possível a reconciliação e a paz? Só a responsabilização entrecruzada de todos esses segmentos da sociedade possibilitará o cuidado das feridas abertas pela violência histórica que vilipendia a Colômbia. Além disso, sabemos ser fundamental que sejam atendidas as reivindicações por terra e melhores condições de vida.

Se, na Colômbia, o emprego sistemático da violência se deu pelos conflitos armados, em nosso país herdamos os restos insepultos de quase 400 anos de escravização e toda sua gama de atrocidades, sendo o Brasil um dos últimos países a estabelecer uma abolição que reparou os senhores da terra e deixou os escravizados à míngua e na miséria, com os pés descalços. Não é fácil sair de tamanha história de espoliação e de racismo recusado sob o véu de democracia racial.

Tínhamos vivenciado os aquilombamentos afetivos propostos pela Comissão de Reparação e Ações Afirmativas do Departamento de Psicanálise durante o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023. Encontramos ressonâncias entre esses diferentes dispositivos coletivos para os diálogos difíceis, para a formação de redes de solidariedade e para a arte. Em comum notamos a disposição para o acolhimento, a gestão de conflitos, o respeito às diferenças, as conversas difíceis, assim como a valorização da história, da memória e da criação como meios de saída de uma repetição mortífera na direção do novo.

O conceito de aquilombamento nos ensina que o conflito é inerente a toda convivência social e requer que se estabeleça um espaço de colaboração e enfrentamento das situações traumáticas e da hegemonia branca, através da sustentação do mal-estar e da circulação das palavras e dos afetos.

Uma pergunta vinda dos aquilombamentos ressoava entre nós: como chegamos ao cubo branco, ou seja, a um espaço de hegemonia branca? Haveria possibilidade de saída do cubo branco sem violência? Em nossa instituição seria possível sair do cubo branco e inventar outra forma de convivência, de estarmos juntos falando de psicanálise? Como repensar a teoria psicanalítica e nossa prática institucional e clínica, de forma a enfrentar a recusa do racismo insidioso articulado aos privilégios da branquitude?

A ideia de cubo branco vem da arte e foi formulada pelo artista Brian O'Doherty^{viii}. Sucintamente, ela diz respeito ao espaço branco da galeria ou do museu que leva à sacralização e à esterilização da arte, ao colocar as obras fora do espaço-tempo em que foram criadas. Num dos aquilombamentos que trouxe um trabalho da multiartista, curadora e psicanalista Grada Kilomba^{ix} circulou essa ideia de cubo branco retomada do artista citado e transformada na performance e videoinstalação "Narciso e Eco" apresentada na exposição "Desobediências poéticas", na Pinacoteca de São Paulo, em 2019. Nessa videoinstalação a artista recria o cenário da contação de histórias africanas e crítica o colonialismo. A ideia de cubo branco salta do texto da performance e nos revela a hegemonia do ideal branco que nos é devolvido em espelhamento, sendo ecoado o tempo todo sem que possamos nos dar conta disso. Em suas imagens, ela contrapõe um narciso negro e propõe outra imagem a ser refletida no espelho da cultura.

O racismo é insidioso, prolifera silenciosamente através de espelhos e ecos, coloniza o inconsciente. O

aquilombamento surge como uma maneira de combate a ele, visa derrubar as paredes do cubo branco. É um espaço de transmutação do trauma. Seu método de trabalho tem ressonâncias com os dispositivos encontrados na Colômbia. Como psicanalistas ficamos tocadas e pensativas: como oferecer hospitalidade a acontecimentos violentos e traumáticos que dilaceraram e dilaceram a vida de muitos? Para além da coragem e da disposição para o diálogo é necessário reconhecer o trauma, escutar o recusado, ultrapassar resistências de muitas ordens, colocar em circulação significantes e o próprio pensamento. E ainda, mais um desafio: o núcleo do horror nem sempre pode ser tocado pela palavra, ela nem sempre o alcança e é importante que possamos inventar outras possibilidades de desdobramentos vitais.

O psicanalista tem a contribuir com esses trabalhos de memória e de desalienação; com a ideia de hospitalidade ao desconhecido, ao traumático, ao estrangeiro; com a escuta de sujeitos antes excluídos do campo da cidadania e com a ficcionalização de novas narrativas. O que pode uma escuta que tem como pressuposto o inconsciente? Religar signos, levantar o recalque, integrar o recusado, propiciar novas figurações, trazer à baila imagens confiscadas, nomear o indizível destinado ao silenciamento e refazer o tecido da memória.

Tais experiências vividas nesses coletivos nos indicam a importância do reconhecimento da situação traumática em momentos de cruzamento da grande história e da pequena história. Não há possibilidade de elaboração se a situação traumática é negada, minimizada ou ignorada. Trabalhos que se propõem a escuta de situações como essas em que estão em jogo violências de diferentes ordens, como as que acontecem num conflito armado e aquelas decorrentes do racismo estrutural, nos remetem à teoria do trauma de Ferenczi, sobretudo o segundo tempo do trauma, quando a experiência traumática relatada não é reconhecida como

tal, levando com isso a uma retraumatização. Reconhecer o trauma é uma maneira de evitar uma retraumatização.

Ainda vale trazer a ideia de transtraumático comentada por Gebrim no livro *A psicanálise na encruzilhada - desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. No capítulo 5 - "O transtraumático e o inconsciente colonial: reflexões sobre a branquitude do analista" - ela retoma o precioso conceito de Ghyslain Lévy (2012):

"Como ouvir, escutar e acolher um sofrimento que vai de encontro ao extremo, e lhe dar a possibilidade não de abolição, de anulação, de anestesia, o que seria totalmente mortífero, mas de encontrar com o outro um destinatário possível de uma palavra que possa tocar alguma coisa de um Real frequentemente não dizível? Escutar esse tipo de singularidade em sua própria fixação só pode desmanchar algo desta problemática com a condição que o analista possa ele mesmo colocar em ação algo de seus próprios extremos, justamente de onde ele frequentou seus próprios confins. Existe aí uma dimensão de transtraumático que torna esse diálogo possível, não pela indiferença ou na confusão das experiências e acontecimentos, mas pela possibilidade do compartilhamento" (Corin, 2012, p. 89, tradução livre de Ana Gebrim).

Para além da situação analítica, o conceito de transtraumático nos aponta a importância de um interlocutor em situação de transferência ter visitado seu próprio extremo, pois é isso que possibilita um compartilhamento. Tanto a indiferença como a confusão de experiências levariam a uma retraumatização.

Um aspecto interessante observado nos aquilombamentos é o processo de tomada de consciência do lugar em que cada participante se posiciona em relação à racialização e ao racismo estrutural, o que leva à emergência do conflito e ao mal-estar para brancos e negros. Experiência que aponta para a ideia de transtraumático, ou seja, como um

trauma incide e afeta as diferentes posições de determinado contexto histórico. Os brancos, ao se darem conta de seu racismo, de sua branquitude e do lugar de privilégio que ocupam, sentem-se culpados e envergonhados, antes de poder agir numa perspectiva antirracista. Alguns negros, nesse processo, tomam consciência de sua negritude e assim passam a assumir um lugar político importante. Como nos aponta Jurandir Freire Costa: "existe uma abissal distância ética entre "ser negro" no vocabulário da opressão e "ser negro" na forma de vida da emancipação.

Escutar como cada um diz do seu próprio racismo ou da violência sofrida, das palavras que escolhe como possibilidade de elaborar as experiências traumáticas, tem seu valor particular, mas a importância política da disseminação de espaços de diálogo como esses, visitados por nós, faz avançar as ações reparadoras, desacomoda os privilégios e lança recursos para que as novas gerações encontrem melhores condições éticas, amorosas e simbólicas que produzam um deslocamento do ressentimento, da vingança e da melancolia. Sair das bolhas narcísicas construídas ao longo de uma história, responsabilizar-se pelo pacto de silêncio ainda vigente como proteção pessoal e pelo medo dos enfrentamentos, requer coragem, decisão, ética e política. Entender que as transformações psíquicas individuais e coletivas abrem brechas para novas experiências, ao romper com os pactos da violência e da exclusão, nos leva a destacar ainda a importância da arte como ação de reparação simbólica, recurso fundamental de reafirmação do encontro com o outro e como alimento que renova a relação com a vida e convoca a memória como resistência ao mortífero.

Bibliografia

COSTA, Jurandir Freire. "Do desamparo narcísico ao desespero; incidências da violência racista na economia

psíquica” in *Relações raciais na escuta psicanalítica*. São Paulo: Zagodoni, 2021.

GEBRIM, Ana. "O transtraumático e o inconsciente colonial: reflexões sobre a branquitude do analista” in DAVID, Emiliano de Camargo & ASSUAR, Gisela (orgs). *A psicanálise na encruzilhada – desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. Porto Alegre: Hucitec, 2021.

O'DOHERTY, Brian. *No interior do cubo branco – a ideologia do espaço de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ⁱ Texto apresentado no evento Entretantos, cá entre nós, setembro de 2023. Eixo: Psicanálise e Sociedade.

ⁱⁱ Psicanalistas, membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

ⁱⁱⁱ Mote da exposição "El vuelo de el Mochuelo - De los Montes de Maria a Bogotá, realizada no Museu Nacional de Bogotá, em julho de 2023.

^{iv} <http://centromemoria.gov.co>

^v <https://fragmentos.gov.co/Paginas/default.aspx>

^{vi} https://youtu.be/d7rAb200JV8?si=Qdb4zn4EWlWcXT_X

^{vii} Copioieses é um conceito formulado pela psicanalista e pintora israelense chamada Bracha Ettinger (https://www.zrs-kp.si/wp-content/uploads/2018/06/Poligrafi-65-66_BodilyProximity.pdf). "A copioieses (Ettinger, 2012 - b), como é chamado o processo de criação, seria oportunidade de transformação de um evento enigmático, traumático, em arte. Caberia ao sujeito-parcial abraçar matricialmente uma nova intensidade e plantá-la na rede de conexões de espaço-borda. A co-criação se daria através da co-emergência, do co-testemunho, da compaixão hospitaleira e da fragilização, ponto muito valorizado pela artista-psicanalista, para quem não haveria criação sem fragilização, vulnerabilidade, co-evanescência, porosidade e entrega. Encontra-se nesse processo a possibilidade de sair do trauma, da repetição, através das escarificações de antigas inscrições, da implantação de novas inscrições, de transcrições; encontra-se aí a possibilidade de diferir. O processamento matricial não tem a palavra como único destino possível, única formatação possível, pois passa pelas intensidades, as ressonâncias não discursivas e os percursos emocionais ligados à elas." Referência: Francisquetti, P. "O chão matricial - pensar a partir do feminino (algumas pistas...)" in Alonso, S. L [et al.] (orgs.) *Corpos, sexualidades, diversidade*. São Paulo; Instituto Sedes Sapientiae: Escuta, 2016.

^{viii} O artista Brian O'Doherty, ao investigar e dialogar de forma crítica, através da própria arte, com a história da arte e com os espaços de arte, escreveu, nos anos 70 e 80, ensaios dedicados a essa ideia de cubo branco, inicialmente publicados em revistas e depois reunidos no livro *No interior do cubo branco - a ideologia do espaço*. Ele discorre sobre esse modo de "eternizar" as obras, assim como os valores sociais e artísticos a elas vinculados, algo interessante para o modo de produção do capital.

ix <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-07/pinacoteca-recebe-1a-exposicao-no-brasil-da-portuguesa-gradakilomba>